



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 14 - Julho - Dezembro 2011

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NUMA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Autora:

Carla Vicenzi¹

¹ Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena, Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Professora da Faculdade Ideau Getúlio Vargas/RS. Jacinto Vila Nova, 249, Passo Fundo. carlavicenzi@bol.com.br

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NUMA GESTÃO DEMOCRÁTICA

“(…) Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, oferecendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganado os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”.

Paulo Freire

Inúmeros e complexos são os desafios da Escola nos dias atuais. A vida social, política e econômica passa por alterações cada vez mais rápidas. À Escola cabe o papel de ajudar a interpretar e de fazer frente às novas situações, ensejando a cidadania através do desenvolvimento da autonomia e do convívio solidário e responsável. Se, de um lado, não se pode propugnar um papel adaptativo da Educação e da Escola, de outro lado não se pode, enquanto Escola, cometer o pecado da omissão e da alienação frente à realidade do mundo em que vivemos.

Em nível interno, o absenteísmo, a evasão e a repetência são realidades presentes no dia-a-dia, constituindo-se em problemas a serem enfrentados. Convive-se ainda com uma preocupante relativização de valores, com a omissão e desestruturação de famílias e a consequente falta de limites, a falta de cuidado em relação ao estudo e de zelo para com o futuro.

Assim, é imperativo para a escola o confronto e a discussão de ideias por parte de todos os agentes e sujeitos que a compõem. Pais, professores, funcionários e alunos são os sujeitos da construção de um projeto que, acima de posições individuais, seja um ponto de referência e represente um compromisso consensual em torno de todas as atividades que envolvem a vida escolar e que busque, em primeiro lugar, melhorar a qualidade de vida de cada um.

Esta questão pode ser mais explicitada no pensamento de Freire, quando observa o seguinte:

Esta superação não pode se dar, porém em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de mundo fechado (em que gere o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõem, tenham, neste reconhecimento, o motor da sua ação libertadora (1996, p. 35).

A complexidade do mundo atual, as múltiplas concepções acerca do verdadeiro papel da educação e da Escola no enfrentamento das situações exigem a sintonia de todos os sujeitos envolvidos em torno dos princípios norteadores da ação educativa. Este Projeto visa encarar a Escola de frente e, a partir de uma visão de mundo, de pessoa, de sociedade e de educação, dar suporte às ações, apostando no envolvimento dos segmentos e na força da coletividade.

Viver o espaço da escola, numa perspectiva de qualidade do processo ensino aprendizagem é o desejo de todo educador. Neste sentido faremos faz-se alguns questionamentos, tais como:

- Qual é o papel do gestor neste lugar?
- Qual é a lógica da escola?
- Qual é a lógica do desenho da criança?

Interpretar o desenho da criança sobre a lógica pedagógica. A criança, o ser humano, pensa, cria, registra.

Para entender em que contexto vivemos, diante dos diferentes espaços escolares, nos deparamos com a seguinte questão: escola nunca foi tão importante e ao mesmo tempo tão questionada.

Pois em meio ao grande avanço da tecnologia, há exigência de um consumo selvagem, tudo passou a ser descartável. Dessa forma, entra forte o papel da escola como busca de um olhar aos valores principais que dão sentido à vida humana. Este lugar que chamamos escola torna-se hoje possibilidade de vivência, de ensaio de relações, nesse âmbito, a importância de um gestor comprometido com a formação de sujeitos, desenvolvendo lideranças positivas, solidariedade, dignidade, humana e respeito.

Estes valores supracitados têm um significado revelador da prática efetivada a partir de seu processo de educação informal e formal. Nesse sentido, as experiências de vida são a base para efetivar o desenvolvimento de habilidades e competências, com o objetivo de garantir o espaço social de vivência coletiva na construção do saber.

Com isso, estamos na busca por uma escola que se assuma como instituição educativa que sabe o que quer e para onde vai que descobre os melhores caminhos para desempenhar seu papel que lhe cabe na sociedade. Uma escola aberta a comunidade exterior, tendo como princípio o diálogo, atenta à comunidade interior, envolvendo todas as construções do entorno da escola. Frente a isso, deve enfrentar as situações com um olhar contextualizador voltado ao diálogo.

A formação se dá dentro de um espaço de tempo. O que caracteriza a escola é uma formação para a cidadania. A escola cidadã é a que viabiliza a luta, para que os educadores, sejam eles mesmos e como nenhum ser humano pode ser só, a escola cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo na importância da relação entre o que se ensina e o que se aprende. Essa interlocução entre educador articulador.

As idéias supracitadas nos remetem ao papel do Gestor que tem a preocupação com a qualidade do ensino, conhecendo a LDBN 9394/96. Compreendendo o verdadeiro sentido da autonomia.

Este gestor deve rever junto com seus protagonistas como o currículo está organizado e como apresenta-se nas diferentes formas de concretizar-se.

Nos últimos anos, no Brasil, vêm sendo realizados muitos estudos sobre a história do currículo no nosso país e suas lutas, classificando as tendências pedagógicas em duas grandes correntes: as de cunho liberal e as de cunho progressivista. Estas duas correntes têm grandes diferenças entre si. A tradicional vê o currículo como disciplina normativa, com regras e procedimentos padrões, centrando a atividade de ensinar no professor e usando a palavra (transmissão oral) como principal recurso pedagógico. Já o currículo de cunho progressivista é entendido como direção da aprendizagem, o educando é o sujeito deste processo e o educador deve oferecer condições propícias para estimular o interesse dos educandos, por esta razão os adeptos desta tendência dizem que o educador não ensina; antes, media o educando a aprender.

Na Pedagogia Tradicional, a atividade de ensinar é centrada no educador que expõe e interpreta a matéria. Sendo o meio principal para a aprendizagem o diálogo.

Nesta tendência pedagógica, a idéia chave é do ensino atualizado. Partindo do concreto. A aprendizagem assim continua receptiva, automática não mobilizando a atividade mental do educando.

A Pedagogia Tradicional tem resistido ao tempo e continua prevalecendo na prática escolar.

Já a Pedagogia Renovada inclui várias correntes que vem contraposição a Pedagogia Tradicional. Estimulando o interesse do educando e que possam buscar por si mesmo conhecimentos e experiências.

A didática ativa dá grande importância aos métodos e técnicas como o trabalho em grupo, pesquisa, projetos, pois o que importa é o processo de aprendizagem. É raro encontrar educadores que apliquem inteiramente o que propõem a didática ativa. Por falta de conhecimento e aprofundamento das bases teóricas da pedagogia ativa.

Quanto ao Tecnicismo Educacional, embora seja considerada como uma tendência pedagógica, inclui-se, em certo sentido na Pedagogia Renovada. Para simplificar essa tendência resultou na fórmula: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A avaliação é prévia dos educandos para estabelecer pré-requisitos para alcançar objetivos.

Em relação à Pedagogia Libertadora, temos o ensino centrado na realidade social, em que professor e alunos analisam problemas e realidades do meio.

Para a pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, a escola pública cumpre sua função social e política, assegurando a difusão dos conhecimentos sistematizados a todos como condição social.

Essa pedagogia atribui a instrução e ao ensino o papel de proporcionar aos educandos o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo e habilidade e hábitos de raciocínio científico.

A prática escolar tem condicionantes sociopolíticos configurando diferentes concepções de homem e de sociedade, conseqüentemente diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações educador-educando, técnicas e avaliações pedagógicas. Utilizando como critérios a posição que adotam em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola, as tendências pedagógicas foram classificadas em liberais e progressistas. A pedagogia liberal defende a predominância dos interesses individuais na sociedade, sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais de acordo com as aptidões individuais. Na Tendência Tradicional acentua-se o ensino humanístico, de cultura geral, o aluno é educado para atingir

pelo próprio esforço sua plena realização como pessoa. Na Tendência Liberal a educação é um processo interno, valoriza a auto-educação, a experiência direta sobre o meio, um ensino centrado no aluno e no grupo. Na Tendência Liberal Tradicional, o compromisso da escola é com a cultura e os problemas sociais pertencem à sociedade, o caminho do saber é o mesmo para todos os alunos, onde os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades ou procurar ensinamentos profissionalizantes. O método de ensino é de exposição verbal feita pelo professor, dando ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas, na memorização visando disciplinar a mente e formar hábitos. A avaliação se dá por verificação de curto prazo, interrogatórios orais e exercícios de casa e a longo prazo (provas escritas, trabalhos de casa). O reforço é em geral negativo (punições, notas baixas e apelos aos pais). Sendo esta tendência viva e atuante em nossas escolas.

Na Tendência Liberal Renovada Progressista, a finalidade da escola é adequar as necessidades individuais do meio social, devendo retratar o quanto possível, a vida. Os conteúdos são estabelecidos em função de experiências, vivências frente a desafios cognitivos e situações problemas. A ideia do aprender fazendo está sempre presente, valoriza-se as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas. O papel do educador é auxiliar o educando sendo um facilitador, um mediador. A motivação resulta do desejo de adequação pessoal na busca da auto-realização, aumenta quando o sujeito desenvolve o sentimento de que é capaz.

Dessa maneira, pensamos que o ensino independente de qual método a ser utilizado deve levar em conta o ser humano, seu pensamento, modo de agir, o meio do qual está inserido, fazendo uma ponte através dos conteúdos, atingindo os objetivos propostos. Só assim teremos bons resultados, pois estaremos fragmentados e sim inseridos num novo modelo de educação aprendendo e ensinando a cada momento.

Atualmente na escola ou na sala de aula propriamente falando o processo educativo não se dá simplesmente, pelo dueto entre educador e educando. Neste caso entram as profundas relações estabelecidas com a família, colegas, e os demais que se relacionam consigo, dentro e fora do espaço escolar.

Assim, para se formar um bom educando, a **escola** deve fortalecer a tríplice aliança entre as suas instâncias, além de fortalecer o **espaço sócio-cultural** e o **familiar**; este por sua vez deve valorizar os outros dois e propiciar o acesso a eles.

A escola só tem sentido quando servir para as pessoas se socializarem. Nesse sentido, os pais devem preparar seus filhos para agir com responsabilidade, pois através dessa era

moderna e com tecnologias muito avançadas, se torna cada vez mais individualista, se perdeu com veracidade os valores que antes eram passados de geração por geração através dos pais. O mundo se tornou um espaço de competição severo, onde sobrevivem os mais fortes. A escola deve mostrar o outro lado. Porém ela deve oportunizar também aos mais “fracos”, levar em conta a idéia do coletivo, dos trabalhos em grupo e preparar os indivíduos para ouvir mais. Necessita-se de pessoas que ouçam mais. Mas é através da árdua tarefa do ensinar e aprender com prazer, acima de tudo, deseja-se que essa escola se torne um espaço gratificante e harmonioso para todos, tanto para os alunos quanto para sua família e todos os demais que se relacionarem com ela. Necessita-se de uma escola também que esteja de portas sempre abertas ao diálogo e às pessoas.

Mas sabe-se que não existem receitas para ensinar. O educador atualmente deve estar atento às práxis que geram o modismo na escola. Métodos frequentemente desconhecidos, mas que são repassados por educadores mais velhos, “receitadas aulas” sem antes ter feito o diagnóstico de seus educandos apesar de nem conhecer a filosofia da escola.

O professor deve conhecer a realidade da escola, de onde vem seus educandos, para tanto não existe somente um método para seguir ou para ensinar. O educador deve “mesclar”, juntar, ver o que mais se adapta à sua realidade escolar e aos estudantes.

As teorias educacionais foram classificadas em liberais e progressistas. A pedagogia Liberal baseava-se e defendia a predominância da liberdade, pela propriedade privada dos meios de produção e sobreviveu e sobrevive até hoje nas escolas, pois ainda continua-se formando os alunos para desempenhar funções específicas na sociedade em certas escolas. Neste caso, os conteúdos escolares não têm nada a ver com o cotidiano dos alunos. Porém iniciou-se o pensamento de uma escola renovada, que viesse e se propusesse ensinar valorizando a auto-educação.

Enquanto no **Velho Paradigma**, o educador era leitor dos conteúdos escolares, o educando, um receptor passivo, que se tornava, dessa forma, a sala de aula em um ambiente de escuta, o educador lia o conteúdo e era necessário que ninguém conversasse. Assim, as experiências passavam do educador para o educando, que somente aprendia o que o professor já sabe, aprendendo e escutando por obrigação sem se preocupar com o que aprende e sim somente com as notas baixas. As tecnologias eram usadas totalmente desvinculadas com o contexto, e representava uma ameaça para o homem, e eram somente manipulados ocasionalmente e esporadicamente somente pelos educadores, se tornando comparavelmente a

escola com uma ilha, a escola raramente se abria para a comunidade, e busca seu padrão de excelência se isolando da comunidade.

No **Novo Paradigma**, o educador deixa de ser leitor para ser orientador dos estudos, tornando-se o educando agente da aprendizagem, é ele quem deve correr atrás da pesquisa, fazendo, dessa forma, a sala de aula um grandioso ambiente de cooperação, ninguém mais se isola e sim todos partilham o conhecimento uns com os outros, através das socializações. Nesse novo olhar, o educando aprende e escuta através da mediação e não por obrigação, os conteúdos ensinados e a formação do currículo ocorrem de maneira flexível e aberta. A tecnologia deixa de amedrontar para estar a serviço do homem, assim, trocam idéias e os recursos tecnológicos passam a ser manipulados tanto pelos educadores quanto pelos educandos, tomando-se, nesse âmbito, a escola um espaço aberto e conectado com o mundo, os educandos tem contato com a comunidade onde vivem, partilham experiências com colegas de outras escolas enfim.

Sabe-se das severas situações de descaso que a educação está passando, mas afinal trabalhar, individual e coletivamente, em um momento em que a educação passa por um balanço nas suas várias competências que deve assumir para com seus educandos e sua família, e também nos seus significados para a sociedade, é poder considerar que se dar os meios de um balanço pessoal ao educador e de seu projeto também de formação um pouco mais realista.

Para situar-se no contexto, precisa-se entender que antes a escola servia como ponto de apoio para ensinar os conteúdos que seus pais, ou que as famílias não tinham conhecimentos necessários para passar aos seus filhos, saberes sobre a ciência por exemplo. Hoje além de ensinar os conhecimentos científicos, cabe a escola a condução de valores pessoais, a ética e o respeito uns para com os outros.

Nesse âmbito, verifica-se que os educadores não estão mais satisfeitos com a educação. Para o educador já não cabe mais somente a tarefa de ensinar, mas a de ter que criar. Cada vez mais cedo se manda os filhos para a escola. Os pais necessitam deixá-los na escola para poderem trabalhar; não tem mais tempo para os seus filhos. E quanto ao educador deve considerar as diferenças, tem por “obrigação” deixar sempre seus educandos diante de situações ótimas de aprendizagem sempre respeitando as suas singularidades.

Se a escola não se sente mais estimulada e comprometida em certos casos com a formação do ser humano, a família também deixa a desejar. A família e a escola são os dois pontos de apoio e sustentação ao ser humano.

A boa formação do sujeito e o seu conceito na busca mais eficaz de se encontrar parcerias e significados da família e a escola, seriam os pais. Porém, esses alegam já não ter mais tempo aos seus filhos, a escola deve se reorganizar, se reestruturar, se redefinir sendo orientada por uma nova práxis pedagógica. O educador deve ter coletivamente com os seus educandos e suas famílias, uma esperança de mudança.

As crianças chegam às escolas cada vez mais imaturas, e cabe não tão somente à escola, mas também aos pais a preciosa tarefa de transformar essa criança imatura, através de uma grande reflexão realista para que ela tenha a oportunidade de transformar-se em um cidadão maduro; um sujeito capaz de interpretar, participar, que saiba definir as regras através de seus direitos e deveres. Uma pessoa que acima de tudo possa criar e ter possibilidades de um bom desempenho no seu futuro profissional e que, além disso, possa ter atribuições.

Vem ai à importância da escola e da família ter em si um bom relacionamento. Melhora a qualidade do trabalho do professor. Melhora a qualidade do desempenho e da aprendizagem do aluno. Contribui para a elevação da valorização e da auto-estima e da satisfação pessoal. Transforma-se. Elabora-se e reelabora conhecimentos mútuos. Constrói-se a cidadania de maneira digna e melhorada comparada à qualidade de vida. Enfim, muito se tem a ganhar em ambas as partes. Pois juntas a família e a escola são os dois pontos de apoio fundamentais à formação do caráter, de espírito, de crescimento entre outras delimitações de sucesso prestadas ao humano. Se pudessem medir as forças entre elas, seriam imbatíveis e incalculáveis na formação do caráter, do homem e do ser humano. O quanto seria muito mais fácil da humanidade controlar a fome, a guerra, as doenças, as discórdias, se tanto a escola quanto as famílias aprendessem que juntas elas são essenciais e que possuem uma força jamais igual a qualquer outra força social que se possa mensurar. Mas o que precisa aprender urgentemente é “ouvir mais”. A escola precisa ouvir mais! As famílias ouvir mais! Os órgãos de competências, ouvir mais! Adultos, ouvir mais. Enfim! Ouvir e ouvir muito mais. Hoje a sociedade necessita de pessoas que trabalham em grupo. Que sejam capazes de se articular em conjunto. Que aprendam e ensinem coletivamente, um ouvindo o outro, respeitando a vez do outro, e se ouvem, também são capazes de articular novos conceitos e reformular novos conhecimentos. E quem sabe assim se acabaria com as diferenças que afastam e que separam as relações da família e da escola e os motivos de tantos individualismos e guerra.

Preocupa a situação de desinteresse por parte dos membros da escola. Estamos vivendo na geração do TANTO FAZ. Muito se ouve: “tanto faz se eu passar de ano”; “tanto faz se os pais vêm ou não participar das ações da escola”; “tanto faz se põe ou se fica de

castigo...”; entre outros “tanto faz”, então cabe ao educador se atualizar mais, ser capaz de criar elos de amizade e confiança entre seus educandos, estando mais abertos a críticas, e sempre sendo capaz de responder, será que é mais fácil educar ou punir os educandos “com atitudes inconvenientes”? Eis a questão!

O Gestor hoje neste espaço social alimenta um novo olhar de esperança amplo para sua comunidade, abrindo cada vez mais as portas da escola para acolher as diferenças e transformar dor em sabor, sabor do conhecimento que de fato é a ferramenta que possibilita os seres humanos a serem verdadeiramente, cidadão, sujeitos da sua própria existência, pois quem ama, educa, quem educa está comprometido com o outro na perspectiva de uma “escola de vidro” onde as paredes e os muros de tijolos são símbolos culturais, mas o sentido do vidro transparente no forma de gestar a escola com todos, com um currículo, onde a tendência didático pedagógica transcende o papel burocrático e vive prática de projetos que possam valorizar a bagagem de conhecimento de construção do Projeto Político Pedagógico.

A preocupação do gestor deverá ser o Projeto Político Pedagógico, este que desenha, mapeia a comunidade escolar, faz perfeitamente o recorte do espaço, da comunidade onde a escola está inserida.

Com base nisso busca-se construir um Projeto Político Pedagógico que viesse resgatar toda a comunidade, a escola enquanto a instituição com uma função social definida, ou seja, a construção do conhecimento e da cidadania com a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo, fazendo a releitura de objetivos.

Objetivo, porque estabelece parâmetros de qualidade do ensino, evitando termos vagos e marcados ideologicamente, tais como “desenvolver o espírito crítico”, “promover a autodeterminação dos povos” ou a “incentivar a solidariedade internacional”. A ênfase desloca-se para os instrumentos e conteúdos que os indivíduos, homens e mulheres, precisam dominar para que consigam viver melhor, trabalhar e, principalmente, continuar aprendendo.

Tomar as experiências e vivências do cotidiano do aluno como ponto de partida para novas aprendizagens escolares.

Respeitar as diversidades do aluno como pessoa e como membro de um determinado grupo étnico-cultural e socioeconômico.

Estimular o desenvolvimento da autonomia do aluno, de sua participação na construção escolar.

APRENDER A CONHECER, FAZER, CONVIVER E SER

Baseada numa linha pedagógica crítica, reflexiva e transformadora, entendendo que o mundo, a escola, as pessoas não estão prontas, somos sujeitos de um processo de construção pessoal e social.

Costa nos ajuda nesta reflexão observando:

A visão educacional, considerada predominantemente tradicional, fundamenta-se no conceito-chave de que o professor transmite um conjunto fixo de informações aos alunos. Há que substituí-lá por um enfoque alicerçado em processo de construção, gestão e disseminação do conhecimento, com ênfase no aprender a aprender e na educação ao longo da vida (2010, p.33).

Aprender, por sua vez, e concebido como um ato de construção do conhecimento da realidade concreta, o aprendido não decorre da memorização, mas do nível crítico de conhecimento ao qual se chegará pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. Aprender significa passar do senso comum para o senso crítico. Ao final do processo de ensino, o aluno deve ser portador de saberes capazes de orientá-lo e dar clareza a sua posição como cidadão integrante de uma sociedade.

A escola se encontra no centro de atenções da sociedade. Isto porque reconhece que a educação na sociedade globalizada e economia centrada no conhecimento constitui grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade assim como condição importante para a qualidade de vida das pessoas.

As relações educador educando dependem do gestor compreender duas dimensões: o relacionamento inter-pessoal e a organização da coletividade exigindo clareza nos objetivos do ensino e orientação para o trabalho em equipe, propiciando atividades significativas e participativas criando um clima de troca de aprendizagem e abertura. A escola é o espaço de transformação do sujeito onde ele tem a oportunidade de reconhecer suas habilidades e competências por meio do processo de ensino aprendizagem e pela convivência com os sujeitos que atuam nesse ambiente.

Jacques Delors (1999) vê a educação como um “trunfo indispensável à humanidade”, um instrumento por meio do qual se pode trabalhar com real probabilidade de se promover a construção de uma sociedade livre de toda espécie de enfermidade ética, moral, física e psicológica.

No contexto globalizado, a educação precisa ser um processo contínuo, amplo, irrestrito e para todos, em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno. Porém para que esse processo seja viável é necessário políticas educacionais que reformem e regulamentem desde o ensino básico até o superior como um sistema integrado e coerente, que atenda as necessidades da sociedade e da

economia, num processo que priorize o desenvolvimento integral e pleno do ser humano. Para o autor “são três os atores principais que contribuem para o sucesso das reformas educativas: em primeiro lugar, a comunidade local, (...) os pais, os órgãos diretivos (...) e os professores; em segundo lugar, as autoridades; em terceiro lugar, a comunidade internacional.” (p.27).

Escolas devem se tornar um lugar de aprendizagem para todos. A escola precisa ter currículos e programas que proporcionem uma educação de qualidade para todos. Aos educadores devem ser dados os instrumentos necessários para que eles possam ver a todos.

A essência pedagógica da relação educador educando pode ser traduzida Para Paulo Freire “Se se respeitar a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” e, ainda, “do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou” (1996, p.37).

Portanto, a reconstrução de um novo paradigma educacional se inicia com a postura do ouvir para depois agir e em segundo ponto o respeito pelo processo de construção de cada ser envolvido, caso contrário, a educação é tida como tarefa de faz de conta e não para a transformação social com ética em valores pautados na humanização.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, M. et al. **Plano de Carreira e Remuneração do Magistério Público – LBD**, Fundef: diretrizes nacionais e nova concepção de carreira. Brasília: MEC, Fundescola, 2000. 234p.
- BAHIA. Secretaria da Educação. Fundação Luís Eduardo Magalhães. Centro de Modernização e Desenvolvimento da Administração Pública. **Gerenciando a Escola Eficaz: conceitos e instrumentos. Educar para vencer.** Salvador: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2000.
- BARROSO, L. R. **Constituição da República Federativa do Brasil Anotada e Legislação Complementar.** 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CASTRO, M. L. O. **A Educação na Constituição de 1988 e a LDB — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: André Quincé, 1998. 278p.
- COSTA, Gisele Maria Tonim da. A ressignificação do Projeto Político-Pedagógico na escola: das necessidades as ações/ Gisele M. T. da Costa- Getúlio Vargas: IDEAU, 2010.
- DELORS, Jacques (et al). **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** 2.ed. Brasília; MEC/Unesco, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: UNE SP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 29.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

MARTINS, J. P. **Administração Escolar**: uma abordagem crítica do processo administrativo em educação. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MEC/INEP. Em Aberto, vol. 17, n. 72. **Gestão Escolar e Formação de Gestores**, jun.2000. 195p.

MORAES, M. C. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

Sabatovski, Emílio (org.) LDB. **Lei n 9.394/96**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ Emílio Sabatovski, Iara p. Fontoura, Emanuelle Milek (orgs.) – Curitiba: Juruá, 2010.

VALERIEN, J. **Gestão da Escola Fundamental**. Tradução e adaptação José Augusto Dias. Brasília: MEC, Unesco, 1993.